



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Thais Silva Andrade Assis

**A aquisição e a significação da leitura para alunos do
Ensino Fundamental I.**

SALVADOR

2010

Thais Silva Andrade Assis

**A aquisição e a significação da leitura para alunos do
Ensino Fundamental I**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Prof^a. Emilia Helena Portella Monteiro de Souza.

SALVADOR
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

THAIS SILVA ANDRADE ASSIS

A AQUISIÇÃO E A SIGNIFICAÇÃO DA LEITURA PARA
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dinéia Maria Sobral Muniz

Profa. Lícia Maria Freire Beltrão

Orientadora: Prof^ª. Emilia Helena Portella Monteiro de Souza

Salvador
2010

AGRADECIMENTO

A Deus em primeiro lugar, por me conceder sabedoria e força, a minha orientadora Professora Emília Helena pela dedicação e aos meus familiares pelo incentivo.

DEDICATÓRIA

Dedico a todos profissionais docentes que acreditam que através da leitura podemos construir um país de igualdades.

RESUMO

O presente trabalho monográfico destaca a importância da aquisição da leitura a partir da significação. Para isto foram estudados teóricos que têm sido utilizados como referência para o ensino- aprendizagem desta habilidade, ressaltando a importância de a leitura ser adquirida de forma prazerosa e significativa pelos discentes.

Como processo de elaboração deste trabalho, foram realizadas duas etapas que se complementaram. Na primeira, a pesquisa bibliográfica e, na segunda, a pesquisa de campo, aplicando-se questionários a docentes e discentes de uma escola pública da Rede Municipal de Ensino de Salvador. Com aplicação desses questionários, foi possível mensurar quais são os conceitos que esses possuem sobre leitura e quais são as finalidades que atribuem a esta habilidade.

Buscou-se, através dos diversos teóricos e dessa pesquisa de campo, salientar que é necessário à prática do ensino da leitura se trabalhar com textos significativos e contextualizados, que proporcionem ao aluno maior interação com o conhecimento a ser adquirido.

Este trabalho tem por finalidade maior verificar quais são os conceitos de leitura e quais são as expectativas que os discentes possuem para esta aprendizagem, e possibilitar ao professor uma reflexão sobre sua prática em sala de aula para o ensino da leitura, levando em consideração que ser leitor é primordial para se formar leitores.

Palavras-chave: Leitura, aquisição, significação da leitura, leitura na sala de aula.

SUMÁRIO:

Introdução	8
1. Leitura: Como definir	
1.1 Conceitos	10
2 O ensino da leitura	
2.1 Processo de aquisição da leitura	14
2.2 Métodos para o ensino da leitura	17
3 Leitura como processo de significação	
3.1 Papel do professor – leitor	22
3.2 A leitura na sala de aula	24
4. A leitura em duas perspectivas: discente X docente	
4.1 Falando sobre a escola objeto da pesquisa	29
4.2 Metodologia	30
5. Analisando os questionários	32
Considerações finais	45
Anexos 1 ---	46
Anexos 2	47
Referências	48

Introdução

A partir da minha vivência com alunos do Ensino Fundamental I- (E.F.I), em três escolas públicas da Rede Municipal de Salvador, nasceu o interesse de escrever o meu trabalho monográfico de conclusão do curso de Pedagogia sobre o tema Leitura. Como professora/ estagiária, atuei durante três meses em uma turma do 1º ano, mais três no 2º ano e por fim, mais três meses com uma turma de 4º ano do E.F.I. O convívio com alunos de diferentes séries e faixas etárias me possibilitou uma ampla percepção das dificuldades que os alunos enfrentam para adquirir a leitura e mais ainda, para adquirir a leitura com significados, ultrapassando os limites da decodificação.

O hábito da leitura pelos alunos das classes populares se dá principalmente por estímulos constituídos em espaços escolares e, muitas vezes, a escola não consegue suprir a carência em leitura que esses alunos apresentam (TERZI, 1995, p. 33). Para esses alunos ler não deve ser um ato penoso, cansativo, deve constituir-se em um ato estimulante e prazeroso. O professor deve direcionar o aluno a ler não apenas livros didáticos, mas ler literatura, jornais, figuras, paisagens, “ler até mesmo olhares”, pois a leitura está em todas as partes (LAJOLO, 1994), e se percebida, adquire-se uma leitura de mundo, constrói-se o senso crítico, tão exigido na sociedade vigente.

O ato da leitura promove no ser humano a ampliação de conhecimentos, a construção da criticidade, a organização de pensamentos, a elaboração de argumentos, assim como o domínio da oralidade. A leitura torna qualquer indivíduo um leitor do mundo que o cerca. Assim, o principal objetivo deste trabalho é identificar quais são os estímulos que os discentes encontram na escola para adquirirem a leitura dando significados. Partindo do pressuposto de que é fundamental que todas as unidades de ensino tenham uma política de formação de leitores que promovam projetos não apenas centrados na aquisição, mas principalmente na significação da leitura.

Minha tentativa, a partir desta monografia, é responder aos meus questionamentos quanto à representação que a leitura tem para estas crianças, cujo

acesso ao mundo das letras se dá, muitas vezes, apenas no ambiente escolar. Para isto busquei em estudos teóricos os conceitos atuais de leitura, tentei, através da pesquisa de campo com aplicação de questionários, mensurar o que a leitura representa para os discentes e para os docentes de uma escola pública, e busquei identificar como se dá o processo de ensino-aprendizagem da leitura nas salas de aula. Espero que a partir do estudo teórico e da pesquisa de campo seja possível obter respostas para os meus questionamentos iniciais e pensar em uma prática docente para o ensino da leitura a partir da significação, isto é, a partir da atribuição de sentidos.

Este trabalho monográfico se distribui em cinco capítulos, discriminados a seguir: Capítulo 1 Leitura: como definir; Capítulo 2 O ensino da leitura; Capítulo 3 Leitura como processo de significação; Capítulo 4 A leitura em duas perspectivas: discente X docente e Capítulo 5 Analisando os questionários.

Portanto, esta monografia se propõe, com base em um estudo teórico e pesquisa de campo, elevar o meu conhecimento em relação aos conceitos de leitura e a comprovar que, através da metodologia adequada, podemos formar leitores para uma vida inteira, pois a leitura se torna prazerosa para os discentes, desde que seja adquirida com significados.

1- Leitura: Como definir

1.1 Conceitos

A leitura é uma habilidade que ao longo dos anos vem sendo estudada. Muitas são as pesquisas realizadas em torno deste tema. Os conceitos para defini-la são os mais diversos e podem ser sintetizados em duas categorias, conforme Martins (1994);

1) como decodificação mecânica de signos lingüísticos, que se dá por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista- skinneriana);

2) como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica) [...] (MARTINS, 1994, p.31).

Tanto a prática da leitura quanto o seu estímulo dentro das escolas ainda é muito pouco para se formarem leitores competentes. Sabe-se que a leitura não tem apenas uma função, são para diversas finalidades que a utilizamos, por exemplo, lemos por prazer, lemos por obrigação, lemos para pegar um ônibus, para identificar um alimento que iremos comprar, enfim, a leitura está em nosso cotidiano. Com o avanço da industrialização e das tecnologias, a necessidade de possuímos competências em leitura é cada vez maior. Suas funções, ao longo dos anos, não têm se perdido, pois utilizamos a leitura a nosso favor em nosso dia- a- dia. É fundamental para qualquer cidadão a aquisição da leitura.

O Brasil, na década de 60 do século passado, foi marcado por iniciativas governamentais em função da industrialização e urbanização do país. Na área educacional, houve muitos movimentos em prol da universalização da educação: as escolas públicas foram obrigadas a receber os alunos das classes populares para qualificação da mão-de-obra e formação de consumidores. Os alunos de classes

privilegiadas migraram para escolas particulares e a educação oferecida nas escolas públicas, que antes era de elite, tornou-se precária. Uma escola que formava intelectuais e letrados agora forma cidadãos acríticos. Uma educação que priorizava formar a elite do país, agora instrui homens e mulheres a assinar seus nomes e a decodificar as letras, formando trabalhadores para o serviço braçal. (WIKIPEDIA, 2010)

Segundo Foucambert (1994), entre 1960 e 1970, as escolas começam a enfrentar um problema em relação à leitura que não conseguiam resolver. Nessas décadas, o ensino da leitura se confundia com a possibilidade de se atribuir sentido ao escrito pelo simples ato de transformá-lo em oral. Na década de 80, começam a acontecer encontros nacionais entre educadores para discutir sobre a questão da leitura, muitos seminários foram realizados em torno deste tema. O ano de 1980 foi marcado como o ano da leitura no Brasil. Na atualidade, muitas têm sido as preocupações em torno desta temática, pois, para o ensino da leitura, os professores dispõem de vários métodos, mas muitos desses professores encontram-se sem uma formação adequada para ensinar esta habilidade, pois pouco se sabe sobre os conceitos de leitura.

De acordo com Kato (1999), a leitura pode ser entendida como um conjunto de habilidades que envolve estratégias de vários tipos: a de encontrar parcelas significativas no texto, estabelecer relações de sentido e de referências entre parcelas do texto, de estabelecer coerência entre as proposições do texto, a de avaliar as informações extraídas e a de inferir o significado e o efeito pretendido pelo autor do texto. Neste aspecto, ler não é simplesmente decodificar o código escrito, mas envolver-se com a leitura. Ler é julgar as palavras e estabelecer relações de sentido com o texto, é também avaliar o que se leu, e só conseguimos emitir opiniões diante daquilo que entendemos e temos conhecimento, mesmo que sejam conhecimentos superficiais.

Em sua versão ingênua, a leitura é defendida como ato de adivinhação das intenções do autor e, na versão mais elaborada, como um ato de comunicação regido por regras conversacionais, isto é, um contrato de cooperativismo. Assim, o escritor é regulado para ser: a) informativo na medida certa, b) sincero, c) relevante e d) claro. O leitor por sua vez deverá compreender o objetivo do autor [...] (KATO, 1999, p.68)

Para Smith (1999), a maioria dos estudos na área de leitura priorizam o que deveria ser feito para melhorar o ensino, ao invés de priorizar a compreensão do processo de aquisição da leitura. Para esse Autor, é importante que os professores tenham conhecimento do que é leitura e de como as crianças devem aprender a ler, enquanto que os treinamentos de professores mostram que a preocupação principal está sobre aquilo que os professores deveriam fazer, ao invés de aquilo que deveriam saber. Ele afirma que “os professores não precisam de conselhos o que o professor precisa é compreender” (p.10). Neste caso, compreender os conceitos em leitura.

Ainda ressalta esse Autor que a leitura não pode ser ensinada, mas os professores e adultos têm a responsabilidade de tornar esta aprendizagem possível. É o professor quem possibilitará ao aluno a leitura através de atividades significativas na sala de aula. Para Foucambert assim como para Smith, a escola precisa entender o que é leitura, para então escolher os métodos, deste modo essa escolha será fácil e frutífera.

Ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito (...) Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte de novas informações ao que já se é[...] (FOUCAMBERT, 1994, p.5)

Freire (1990) afirma que a leitura de mundo se dá antes da leitura da palavra. A leitura não se limita em decodificar letras, pois ela está presente em tudo que nos cerca, lemos paisagens, lemos símbolos, lemos até mesmo olhares. Ler é dar significados ao escrito e este significado muda de leitor para leitor, de acordo com os conceitos de mundo formulados por cada um. A criança, quando entra para escola, traz consigo esta leitura, que significa traduzir o mundo a sua maneira, como ver a sociedade, a escola, os professores, os colegas, e normalmente a leitura que a criança faz do mundo está arraigada nas crenças e valores de seus familiares e da sua comunidade. Para Freire (1990), esta leitura de mundo é essencial, pois só a partir desta o leitor atribui sentido à leitura das palavras.

É necessário que o professor tenha como ponto de partida um conceito de leitura para o ensino desta habilidade. É necessário que a leitura faça sentido primeiro ao educador, assim, o educando poderá concebê-la, não como um ato involuntário, e sim, como uma atividade reflexiva que desperte sua curiosidade, que dê prazer, que consiga suprir suas expectativas. Cabendo ao docente considerar os conhecimentos prévios da criança e a comunidade na qual ela está inserida; se letrada ou não. O conhecimento a ser adquirido deve ser um desejo comum a todos, tanto ao professor quanto ao aluno.

2- O ensino da leitura

2.1 Processos de aquisição da leitura

A aquisição da leitura constitui-se em um dos processos cognitivos mais complexos. Smith (1999, p.9) afirma que, para os pesquisadores compreenderem a leitura, devem considerar não somente os olhos, mas também os mecanismos da memória e da atenção, a ansiedade, a capacidade de correr riscos, a natureza e os usos da linguagem, a compreensão da fala, as relações interpessoais. Apesar de complexa, o autor declara que, para aprender a ler, as crianças não necessitam de nenhuma atividade que elas não tenham exercido para entender a linguagem falada. Contudo, para esta aprendizagem, como aprendizagem da língua falada, a criança precisa encontrar sentido. Concordando com Smith, Foucambert (1994) considera que a criança aprende a falar por que atribui sentido a uma mensagem ouvida e elabora hipóteses sobre elementos desconhecidos, assim também ocorre no processo de atribuição de sentido à escrita.

As crianças das classes favorecidas percebem com facilidade que “cartilhas” possuem textos que contêm frases para se aprender a ler, pois vivem em um contexto cultural com livros, enquanto as crianças das classes populares entram em conflito devido às suposições que possuem da escrita e suposição que a escola apresenta (Soares 2008, p.74). Sabe-se também que, quanto maior o acesso à escrita o aluno tiver antes de iniciar o processo de aprendizagem em leitura, melhor será seu desempenho para sua aquisição. Isso não significa dizer que aqueles que tiveram pouco acesso à escrita antes de adquirirem a leitura não terão bom desempenho, mas aos que tiveram acesso torna-se mais fácil atribuir sentido e compreender o que os textos transmitem.

A escrita só é apresentada aos alunos das classes populares, muitas vezes, como importante e útil na escola, pois em seus lares e em sua comunidade poucos são os eventos de leitura, em geral não leem jornais, não compram revistas, não fazem listas de compras, etc. É importante que os alunos encontrem na escola o valor da leitura, que tenham locais propícios para leitura não apenas de livros, mas também de imagens, símbolos, etc,

O leitor precisa de duas informações para ler: a primeira é a visual, aquela que está diante dos seus olhos, as palavras, e a não-visual, informação que o leitor possui sobre o assunto do qual lê, quanto mais informação não-visual o leitor tiver, mais fácil será a leitura do texto para este. (Smith, 1999). Assim, a leitura de mundo é essencial para que a leitura da palavra seja realizada com sentido:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra
daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da
continuidade da leitura daquela. (FREIRE, 1982, p. 11)

Outra limitação revelada por Smith, em seu livro *Leitura Significativa* (p.23) é sobre os olhos: “os olhos não veem nada, quem vê é o cérebro.” Os olhos colhem as informações na forma de raios de luz e transforma – as em impulsos nervosos que vão em direção do cérebro. O cérebro é quem vê e certamente não vê tudo que os olhos enxergam, é o cérebro que toma decisões diante da informação visual.

O cérebro precisa de tempo para tomar decisões diante daquilo que os olhos enxergam e essa decisão não é instantânea, vai depender da quantidade de alternativas que o cérebro tem para escolher. O cérebro ainda precisa de tempo para empregar sentido à informação visual (Smith,1999). Assim, se for apresentado a um leitor iniciante textos descontextualizados que não estão de acordo com sua realidade, que nada têm a ver com sua cultura e língua, custará para este leitor atribuir sentido ao que leu, se conseguir decodificar o texto.

Até o final da década de 70 do século passado, segundo Foucambert (1994), pelo simples ato de decodificar as palavras, o discente já era considerado leitor. Nesse período, era utilizado para o ensino da leitura o método alfabético, também conhecido como soletração, que tem como princípio que a leitura parte da memorização oral das letras do alfabeto, depois, todas as suas combinações silábicas e, em seguida, as palavras, vão evoluindo até fazerem parte das histórias. Sabemos que a leitura não está apenas em decifrar um código escrito. Para Foucambert (1994), ler é mais do que passar os olhos por algo escrito, não é oralizar o escrito, é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é uma forma de interrogar a escrita com todos os aspectos que a

compõem. No livro, *A Construção da Leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados*, Terzi (1995) analisa, através de uma pesquisa de campo, a construção da leitura com crianças de classes populares e constata, através de contatos feitos com profissionais de uma escola que, na década de 90, muitos desses profissionais acreditavam que a criança sabendo decodificar as letras seria capaz de entender o texto.

No contexto brasileiro em que a escrita se dá através da ortografia alfabética, o primeiro passo para leitura é utilizar a decodificação, que é transformar o código escrito em som. Porém, a leitura não se limita em transformar os grafemas em fonemas, este processo não garante a compreensão do código escrito, já que leitura, no sentido amplo da palavra, só acontece a partir da compreensão. Terzi (1995, p. 15) considera que a leitura não se dá linearmente, de maneira cumulativa, em que a soma do significado das palavras constituiria o significado do texto. Segundo ela, enfatizar o ensino de palavras isoladamente, fora de um contexto significativo, significa impedir o desenvolvimento da leitura das crianças. Ler é diferente de decifrar, a leitura vai muito além da simples decodificação.

Segundo Foucambert (1994), saber decifrar baseia-se no domínio do código escrito, fazendo correspondência entre grafemas e fonemas, cuja aquisição requer apenas alguns meses, e isso não determina a formação do leitor. Enquanto que para aprendizagem da leitura, o discente precisa de experiências com leitura, e isso só acontece por meio da imersão na escrita, com textos significativos de várias tipologias e gêneros. Não podemos confundir leitura com decifração. Estas habilidades são distintas, porém decodificar o código da língua escrita é o primeiro passo para a aquisição da leitura, leitura aqui no sentido amplo da palavra, atribuindo sentido ao que se lê.

Dessa forma, ler estende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons as sílabas, até habilidades de pensamento cognitivo e metacognitivo [...] (SOARES, 2008, p.31)

Para decodificar, o aluno aprende o alfabeto, as famílias silábicas, as palavras e, por fim, frases seguindo uma rigorosa progressão, que vai do simples ao

complexo (método sintético); enquanto que o aprendizado da leitura acontece por meio da imersão na escrita, com a troca, a comunicação e a multiplicação das relações entre os escritos sociais e o mundo real. A decodificação é ensinada num grupo homogêneo de crianças que, aos olhos do adulto, estão no mesmo estágio, ao passo que o aprendizado da leitura exige que se leia num grupo formado por usuários da escrita com diferentes competências. (FOUCAMBERT, p. 110).

Decodificar sem compreender é inútil, compreender sem decodificar, impossível. (MARTINS, 1982, p.32)

2.2 Métodos para o ensino da Leitura

Conforme Soares (2008), um método na área de ensino das línguas é a soma de ações baseadas em um conjunto coerente de princípios ou de hipóteses psicológicas, lingüísticas, pedagógicas que respondem a objetivos determinados. Assim, um método para o ensino da alfabetização - processo permanente, que não se esgota na aprendizagem da leitura e da escrita- deverá ter claro, conceitos, habilidades e atitudes, a serem adquiridos pelo leitor.

De acordo com Barbosa (1992), o método sintético é o mais antigo. Este método considera o processo da leitura a partir de um esquema somatório e externo ao aprendiz; primeiro aprendem-se as letras, depois as sílabas, as palavras, as frases e, por último, o texto completo. O aluno deve dominar o alfabeto completo, nomeando cada letra independente do valor fonético e da grafia. O aprendizado se dá por soletração, a leitura está totalmente ligada à oratória; assim, o educando demorava em média quatro anos para começar a ler um texto completo. Neste método, a aquisição da leitura se dá de forma mecânica, servindo apenas para transpor a forma escrita para a forma oral.

Barbosa (1992) faz três observações sobre o método sintético que podem ser considerados para os dias atuais:

1) O método antepõe uma aprendizagem considerada prioritária ao ato de ler, antes de colocar a criança em contato com o texto a ser lido; antes de ler era preciso um trabalho ou uma ação sobre o alfabeto: alfabetização;

2) Em decorrência dessa formulação, estabelecia-se uma confusão entre análise da língua e o ato de ler: para ler, a criança devia realizar uma análise da língua escrita, utilizando como referencial de base a língua oral. Essa é uma das confusões que prevalece até os dias atuais;

3) Toda a estruturação da matéria a ser ensinada correspondia a uma lógica adulta e não uma lógica da criança. Por exemplo: propunha-se partir do simples para o complexo, sem pensar se, para a criança, o simples é a letra ou a palavra[...] (BARBOSA, 1992, p.47).

O método sintético corresponde a uma visão behaviorista em que a criança, antes de formular conhecimentos sobre a língua, responde a estímulos formulados pelo professor. Decorar e pronunciar em coro as letras do alfabeto, fazer junção de consoantes e vogais para formar sílabas, soletrar as sílabas para ler as palavras e, posteriormente, ler os textos que compunham as cartilhas de alfabetização.

As cartilhas sintéticas propõem um processo combinatório, em que elementos não-significantes da língua vão se somando até resultar em palavras; combinando-se as palavras surgem os textos. São as cartilhas mais tradicionais e seu uso parece ser bem restrito. (BARBOSA, 1992, p.55)

Posterior ao método sintético, surge o método analítico, que tem como precursor Nicolas Adam. Este método inicia-se pelo ensino da palavra sem decompô-la, depois que as crianças conhecem algumas palavras passam a acompanhar textos. A idéia principal é fazer com que a criança entenda que ler é descobrir o que está escrito.

Em 1936, surge o método ideovisual (junção do sintético e analítico), através de Ovide Decroly, cujas idéias principais são: a primeira fase da aprendizagem da leitura é baseada no reconhecimento global de frases significativas para a criança; essa fase deve durar o maior tempo possível, o objetivo do método é fazer com que as crianças compreendam o sentido do texto lido, a ênfase recai na

compreensão da leitura e não mais na decodificação, a escrita assume a função de comunicação. (BARBOSA, 1992, p.51)

Podemos perceber que ao longo de toda história da educação, alguns métodos foram evoluindo, dando possibilidades para o surgimento de outros métodos diferentes e antagônicos, “práticas pedagógicas evoluem em função de circunstâncias e necessidades sociais e econômicas” (BARBOSA, p.44) . Assim, os métodos para o ensino da leitura evoluem para atender as necessidades sociais e econômicas que se modificam ao longo dos tempos. Os métodos para o ensino da leitura não se esgotam no sintético, analítico e ideovisual, a partir destes, vários métodos foram surgindo, formando uma verdadeira “querrela de métodos” .

Kato (1999) apresenta cinco hipóteses sobre a aprendizagem da leitura, a partir de métodos:

1- O método global puro que propõe que a apreensão do estímulo visual se dê por meio de imagens e símbolos, sem análise das partes que o compõem,

2- O global analítico-silábico supõe que a concepção da criança sobre a palavra escrita é que os estímulos podem ser decompostos em unidades menores, silábicas, ou que é possível introduzir a ela tal noção,

3- O global analítico fonêmico pressupõe ser essa decomposição possível de ser feita a nível fonêmico grafêmica,

4- O silábico sintético supõe que a criança seja capaz de perceber uma entidade mais abstrata que a palavra, a sílaba, e a partir de sua representação grafêmica chegar a unidades significativas como a palavra e a frase,

5- O fônico- sintético supõe que a criança seja capaz de captar unidades sonoras físicas, menores que a sílaba para a partir das suas representações gráficas chegar a unidades significativas[...] (KATO, 1999, p.19)

Diante de tantas propostas para a aquisição da leitura, surge a dúvida sobre qual método atende melhor. Segundo Kato (1999), para que qualquer método seja eficaz é necessário ter claro a natureza do objeto a ser estudado e a natureza do aprendizado deste objeto. É essencial que o professor, antes de escolher o método que irá utilizar, tenha claro os conceitos e as hipóteses da leitura para o ensino -

aprendizagem desta habilidade, sabendo que o método escolhido poderá não atingir todas as crianças, pois nenhum método é capaz de assim fazer.

Infelizmente, embora todos os métodos de ensino de leitura possam ter algum sucesso com algumas crianças, nenhum método tem sucesso com todas as crianças (...) Então, mais uma vez, o que o professor precisa é uma compreensão das possibilidades e dos custos específicos (de cada criança em particular) de diferentes métodos e materiais, um conhecimento de cada criança e daquilo que é fácil ou difícil para ela, além da compreensão da leitura e de como as crianças devem aprender a ler [...] (SMITH, 1999, p.11)

Segundo Martins (1994), nenhum método por si só leva à existência de leitores efetivos. “O método de ensino está para o aluno e não o aluno para o método.”

Terzi declara, em seu livro, *A Construção da Leitura; uma experiência com crianças de meios iletrados*, que para sua pesquisa sobre a construção da leitura realizada com crianças de uma escola pública não teve uma metodologia pronta a ser aplicada;

Ao contrário de pesquisas que visam estudar a aprendizagem de uma determinada tarefa, tendo, para isso, os passos intermediários a serem dominados pelos sujeitos e o tipo de intervenção do adulto já predefinidos, esta pesquisa visava investigar o processo de desenvolvimento de leitura com a menor influência possível de um padrão metodológico [...] (TERZI, 1995, p. 37)

Apesar de não ter uma metodologia predefinida a ser aplicada, a pesquisa teve resultados bastante positivos, pois no decorrer dos encontros que duraram nove meses, houve evolução por parte das crianças, (sujeitos da pesquisa) no interesse pela leitura; na interação com os adultos e colegas e na valoração pelo conteúdo apresentado. As crianças passaram a dar aos textos um sentido individual, “Após conseguirem construir um significado para o texto de acordo com sua perspectiva inicial, através do processo de apropriação, elas reentram na ZDP e se direcionam para a interação com o autor [...]” (TERZI, 1995, p. 126)

O desenvolvimento dessas crianças, que em apenas nove meses de encontros semanais de atividades de leitura se tornaram leitoras, vem comprovar que a causa do fracasso escolar não está na criança, mas, sim, na escola [...] (TERZI, 1995, p. 152)

Talvez, o fracasso da leitura esteja na escola, justamente por que a escola prioriza o método que irá utilizar, ao invés de primeiro compreender o que é leitura, o que a leitura deve significar para seus alunos e o que ela significa para a sociedade.

Segundo TEBEROSKY e COLOMER (2003), numa perspectiva construtivista, antes da preocupação com a aquisição de técnicas e métodos, a postura docente deve ser a de buscar desvendar quais são os caminhos que as crianças fazem até conseguir construir o conhecimento a respeito da escrita. Assim, além de saber os conceitos de leitura é necessário que os docentes saibam como os discente constroem este conhecimento. Seguindo a linha construtivista, é necessário oferecer caminhos práticos para que os alunos consigam dar significados às aprendizagens escolares e oferecer correspondência entre o que se aprende na escola e o cotidiano do aluno. Utilizar escritos que circulam na comunidade, tais como folhetos, jornais, propagandas, etc, são importantes para este trabalho, pois o aluno dará conta de que a leitura não está aquém da sua realidade. As crianças devem saber para que elas devem aprender a ler.

Percebe-se que não existe um método ideal para o ensino da leitura. Porém, ensinar a partir de textos que sejam significativos para as crianças é fundamental. Kato (1999) ressalta que, para o aprendizado da leitura, a criança deve ter como estímulo palavras e frases significativas relacionadas com o seu contexto natural de comunicação. Cabe ao professor escolher qual o método que irá aplicar e qual o material didático que será utilizado, mas antes de tudo, saber os conceitos de leitura é fundamental.

3- Leitura como processo de significação

3.1 Papel do professor-leitor

Muitas responsabilidades são atribuídas ao professor para o ensino da leitura a crianças. No professor se depositam todas as expectativas para o ensino-aprendizagem da leitura, mas vê-se que essa aprendizagem não depende unicamente dos ensinamentos do professor. Parodiando Freire, Martins (1994, p. 12) diz que “Ninguém ensina ninguém a ler: o aprendizado é em última instância solitária, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo”.

Podemos ver um exemplo de que leitura não é ensinada no filme, *”O Leitor”* de Stephen Daldry. Neste filme, a protagonista Hanna (Kate Winslet) é analfabeta e ex-policia acusada de participar do assassinato de prisioneiras judias, na década de 1950. Por vergonha, não revela que é analfabeta e assume estar ciente de um documento que a condenou à prisão perpétua. Após alguns anos na prisão, Hanna recebe de Michael (David Kross), um adolescente com quem viveu um intenso romance, fitas cassetes com gravações das leituras dos livros que ele costumava fazer todas as vezes que se encontravam. Hanna, ao ouvir as releituras toma coragem e resolve entrar na biblioteca prisional, pega os livros e tenta aprender a ler... Ela consegue! Aprende a ler, acompanhando a escrita dos livros, através da leitura que ouvia. A leitura traz um novo significado para a vida de Hanna. Este filme mostra como é possível aprender a ler mesmo sem a presença de um professor, porém foi necessário um mediador, neste caso Michael (o locutor), que lia os livros que eram de interesse da leitora iniciante.

A leitura não pode ser ensinada mas, apesar disso, os professores e outros adultos têm um papel decisivo a desempenhar e é deles a grande responsabilidade de tornar possível a aprendizagem da leitura. (SMITH, 1999, p.15).

Para Antunes (2009), o professor deve despertar no aluno o fascínio pela leitura, e isso só acontece quando o docente expõe o que lê, quando apresenta

livros ao discente, quando analisa e fala sobre os textos lidos, quando traz notícias sobre autores, enfim, quando expõe suas experiências como leitor.

Como vimos no filme “*O leitor*”, Hanna interessou-se em aprender a ler após ouvir textos que despertavam sua curiosidade, que prendiam sua atenção, que lhe fascinavam, assim também deve ser o despertar pela leitura. É papel do professor criar possibilidades para o aluno desenvolver competências em leitura com textos contextualizados, com práticas que se adéquem às necessidades dos seus alunos, levando em consideração os conhecimentos prévios, para construção de novos conhecimentos.

O professor criativo e experiente poderá utilizar-se do conhecimento que tem a criança e da situação de aprendizagem, para a partir delas, propor atividades significativas [...] (KATO, 1995, p. 138)

Terzi (1995) escolhe, para seu estudo empírico, que analisa a construção da leitura com crianças de meios iletrados, uma teoria que se adéque à necessidade dos alunos, uma teoria que faça destes discentes os protagonistas de sua própria aprendizagem e não apenas coadjuvantes. Para tanto, a autora utiliza-se da teoria de Vygotsky que justifica a importância do educando construir conhecimentos através da interação, com agrupamentos em que sejam possíveis a aprendizagem através da Zona de Desenvolvimento Proximal. Esta aprendizagem pressupõe o envolvimento de pequenos grupos ou pares de indivíduos numa interação social, numa prática comunicativa que permite analisar o papel do outro no processo. “Para aprender a ler temos condições de fazer algumas coisas sozinhos e necessitamos de alguma orientação”. (MARTINS, 1994, p.12)

Para tornar a aprendizagem da leitura possível, não é necessário que o professor corrija todos os erros de leitura do aluno, que o obrigue a ler corretamente e memorizar todas as palavras, isto causa ansiedade e medo, “visão túnel” (SMITH,1999), impossibilitando-o à aquisição da leitura no real sentido da palavra, que se estende a entender, avaliar e criar conceitos. Porém, segundo esse mesmo Autor,

As crianças que irão fracassar na aprendizagem da leitura são aquelas que não querem ler ou que não querem

empregar esforço para adquirir a leitura, ou aquelas que não atribuem valor à leitura. (SMITH, 1999, p. 14)

Cabe ao professor proporcionar atividades significativas em leitura, afim do aluno perceber o verdadeiro sentido da leitura. Para tanto, é necessário se construir uma prática que atenda as reais necessidades dos alunos, ampliando a noção de leitura como mera decodificação das palavras.

3.2 A leitura na sala de aula

A sala de aula é essencialmente um espaço de construção de conhecimento, em que o professor e os discentes estão, ou deveriam estar, em intensa busca pelo saber “[...] entre outros aspectos importantes, a sala de aula constitui-se em um momento privilegiado em que se processam o ensino e a aprendizagem [...]” (NOVASKI, 2008, p. 11).

De acordo com a teoria Construtivista, que é baseada nos estudos de Jean Piaget, a própria criança é quem constrói sua aprendizagem. O professor cria situações para busca de conhecimentos, os alunos pesquisam e levantam hipóteses até encontrar soluções (SANA, 2005, p.98). Conforme Terzi (1995), para que o ensino-aprendizagem entre professor e aluno aconteça de maneira espontânea e significativa, é necessário criar um mundo social compartilhado em que o conhecimento a ser adquirido seja o desejo de ambos. Ainda segundo Terzi (1995),

O que vemos comumente em sala de aula, entretanto, é a ausência de preocupação do professor em buscar um grau maior de intersubjetividade [interação]. Cabe a ele, exclusivamente, a definição da perspectiva sob a qual o assunto da aula deve ser focalizado a qualquer tentativa, pelos alunos, de assumir uma outra perspectiva é imediatamente rechaçada [...] (TERZI, 1995, p.22)

Apesar da pesquisa de Terzi (1995) ter sido realizada há mais de uma década, muito dessa prática pode ser vista nas salas de aulas das escolas de hoje. Para Smith

(1999, p.127), “A sala de aula deve ser um lugar onde ocorrem as atividades de leitura (e escrita) significativas e úteis, onde é possível a participação sem coerção ou avaliação e onde sempre haja disponibilidade de colaboração”. No entanto, percebe-se que para o ensino da leitura persiste uma prática sustentada na Pedagogia Tradicional.

Prevalece a Pedagogia do sacrifício do aprender por aprender sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. (MARTINS, 1994, p.23)

É sabido que a leitura possui funções tanto individuais quanto sociais. Para Soares (2008, p.33); “[...] do ponto de vista social, o alfabetismo não é apenas, nem essencialmente, um estado ou condição pessoal; é, sobretudo, uma prática social”. Concordando com Soares, Antunes (2009, p.193) afirma que pela leitura temos acesso a novas idéias e diferentes informações sobre o mundo. Assim,

A leitura expressa, dessa forma, o respeito ao princípio democrático de que todos têm direito à informação, ao acesso(sic) aos bens culturais já produzidos, aos bens culturais em vias de produção ou simplesmente previstos, nas sociedades, sejam elas letradas ou não. (ANTUNES, 2009, p.193)

Os discentes devem estar expostos a diferentes gêneros textuais, assim como a diferentes tipos de linguagens: textuais e não textuais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Portuguesa de 1997, dizem que “Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos (...)” (PCN, 1997, p.42). Em sala de aula devem circular textos informativos, narrativos, descritivos, entre outros, por meio de gêneros de circulação social. Porém os textos literários devem possuir lugar e tempo exclusivo na sala de aula, já que através destes os alunos possuem maior contato com a arte da palavra, entrando em mundos fictícios e que lhes proporcionam prazer.

Para Silva (1998), a leitura da literatura pela sua natureza e força estética colabora para formação do indivíduo, influenciando na sua forma de pensar e encarar a vida, também exerce papel importante perante a sociedade. No Brasil, em

1921, Monteiro Lobato publica “Narizinho Arrebitado”, este livro destina-se à leitura escolares. Após apelos para que se escrevessem livros com uma linguagem acessível às crianças, Lobato investe em escrever livros infantis e torna-se o maior escritor de livros infantis do Brasil. “Monteiro Lobato usa o sítio e seus personagens para representar o Brasil e como ele gostaria que fosse”. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, p.57). Na década de 30, há uma evolução da literatura infantil aqui no Brasil, incluindo folclore e histórias populares. Esta literatura fortalecia os ideais da classe média que tinha a educação como um meio de ascensão social e de difusão de valores. A partir de 1970, a literatura infantil passa a retratar as grandes cidades urbanas, crises e problemas contemporâneos. Esta literatura tornou-se um elemento educativo. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999).

A literatura, enquanto expressão da vida, tem a capacidade de redimensionar as percepções que o sujeito possui de suas experiências e do seu mundo. Por isso mesmo, a leitura da literatura, pela sua natureza e pela sua força estética, colabora significativamente para a formação da pessoa, influenciando nas suas formas de pensar e encarar a vida [...] (SILVA, 1998, p.89)

A leitura, na perspectiva individual, deve ser movida essencialmente pelo prazer, pelo prazer da apreciação das palavras para entrar em mundos de ficção, de aventuras e de outras imagens. (ANTUNES, 2009, p.200). No entanto, como nos lembra Kleiman (2000, p. 16), para a maioria dos leitores a leitura não é uma atividade que propicia este sonhar e entrar em outros mundos, para a maioria, as lembranças desta atividade são: “cópias maçantes, até a mão doer, de palavras da família do da, “ Dói o dedo do Didu [...]”

A leitura, na perspectiva social para Antunes (2009), é ter acesso à informação, é ampliar e aprofundar conhecimentos, é garantir a competência para a observação, a análise e reflexão acerca das certezas ou das hipóteses que se constrói. “Ter vez à palavra escrita é uma forma de partilhar do poder social”. (ANTUNES, 2009, p.196). Sendo assim, para as atividades de leitura na sala de aula serem significativas, é necessário considerar esses dois aspectos: individual e social.

Segundo Silva (1998), o grande problema para o ensino da leitura é que o professor segue rigorosamente a instrução do livro didático, não permitindo que os

discentes compartilhem democraticamente suas interpretações referentes ao texto “lido”. Os exercícios de leitura seguem uma rotina que se inicia na solicitação pelo professor para abrir o livro e ler a lição, às vezes com leitura silenciosa, outras vezes coletiva, responder aos questionários, fazer os exercícios gramaticais e escrever uma redação a partir do texto para correção do professor. Nesta prática, é vetado ao aluno qualquer exercício de compreensão e reflexão.

A compreensão deve ser entendida como um modo de ser do homem no mundo, como um projeto de existência. Ou seja: o homem encontra significados para seu existir à medida que se projeta no mundo, buscando a compreensão de si, dos outros e das coisas (SILVA, 1998, p.66)

É necessário que a escola reserve tempo para leitura e suas interpretações, é necessário que a sala de aula se constitua como um espaço de letramento, e isto para Antunes (2009, p. 205) só se dá pelo estímulo a uma cultura do livro, pela fartura de um bom e diversificado material de leitura, pelo acesso fácil e bem orientado a esse material; pela diversidade de objetivos de leitura; pela frequência de atividades de ler e de analisar materiais escritos; pela formação no gosto estético na convivência com a literatura.

O ambiente da sala de aula deve ser um lugar propício para atividades de leitura, os professores devem, simplesmente, facilitar e promover a admissão de cada criança no mundo das letras a partir de atividades significativas.

Para Ezequiel (1998, p. 95), “A leitura, enquanto um processo que atende a diferentes propósitos precisa ser claramente “mostrada” às crianças [...]”. É importante que, em sala de aula ou fora dela, o professor desenvolva no aluno o interesse pela leitura, fazendo com que os livros se tornem tema central de conversas. Também relacionar textos infantis com as datas comemorativas, analisar personagens de romances lidos, promover leitura silenciosa e coletiva. O ideal é que na sala de aula se tenha uma atmosfera para leitura com materiais apropriados, com textos que chamem a atenção dando ênfase na leitura compreensiva, com participação dos alunos; “As crianças leem quando os textos apresentam significados para elas [...]” (EZEQUIEL, 1998, p.100)

Para Kleiman (2000), a leitura de diversos textos dentro do mesmo assunto desenvolve no aluno a capacidade de comparar e analisar criticamente a

intencionalidade de cada autor, “[...] toda leitura de qualquer texto, por mais neutro que pareça, está inserida num contexto social que determina as maneiras de escrever e ler [...] (p.96)

Assim, a leitura dentro da sala de aula deve proporcionar ao discente a leitura por prazer e a leitura em busca de conhecimentos específicos, seja através dos próprios livros didáticos e/ou de outros materiais como livro literário, jornais, enciclopédias, revistas, manuais etc., acompanhados de discussões e aprofundamento em torno dos textos lidos.

4- A leitura em duas perspectivas: discente X docente

4.1 Falando sobre a escola objeto da pesquisa

Como foi dito na Introdução deste trabalho, a pesquisa realizada foi de natureza bibliográfica e de campo. Passemos a tratar da pesquisa de campo.

Antes de apresentarmos a metodologia usada **nesta** pesquisa, se faz necessário situarmos a escola da qual os respondentes fazem parte e citarmos os motivos de sua escolha. A escolha por esta escola, Escola Municipal de São Cristóvão, se deu por três motivos: por ter sido nela a minha primeira experiência como professora, por ser próxima da minha residência e por se tratar de uma escola pública, na qual o corpo discente é formado por crianças pobres e que representam a maioria das crianças brasileiras.

A escola está situada no bairro de São Cristóvão, periferia de Salvador, e foi uma das primeiras a ser construída na localidade. Tem boa estrutura física, com doze salas de aula, pátio, secretaria, diretoria, cantina, sala de informática, biblioteca etc., porém necessita de uma reforma, que já foi solicitada junto a Secretária Municipal de Educação de Salvador (SMEC). Apesar de sua longa existência no bairro, aproximadamente três décadas, a escola nunca foi reconhecida pelos moradores locais, como uma escola que tenha uma boa qualidade de ensino.

Atualmente, seu corpo docente é formado por professoras que se empenham no ensino das crianças, possuem entre elas um bom relacionamento, é um ótimo ambiente para se trabalhar, apesar de ser marcada pela violência do bairro, que acaba se refletindo dentro da sala de aula. Ao longo do ano, são realizados alguns projetos nas diferentes áreas de ensino, o atual é em leitura: História Contada. Neste projeto, conforme relato das docentes, todos os alunos se reúnem no pátio quinzenalmente e ouvem uma história da Literatura Infantil, contada por uma professora que se caracteriza de acordo com o personagem principal da história.

Como já foi citado, a escola possui uma biblioteca, porém o acervo de livros é pequeno, apesar de poucos, são disponibilizados para os alunos pegarem emprestado, já a sala de informática só os professores têm acesso. Cada sala de aula possui “o caixote de livros” recebidos da SMEC e disponíveis para leitura dentro da

sala. Os alunos sempre estão envolvidos em eventos com música, dramatização, jogral, etc promovidos pela Professora de Artes, que sempre realiza atividades lúdicas em torno das principais datas comemorativas do ano. A escola possui também um projeto de cunho religioso, em que voluntárias vão de sala em sala e, uma vez por semana, contam histórias bíblicas e ensinam cânticos.

Esta escola, como qualquer outra escola pública, possui muitas limitações. Porém, possui pessoas dispostas a enfrentar e superar as dificuldades, tanto de estrutura física como de estrutura social, para que através do ensino se formem cidadãos conscientes.

4.2 Metodologia

Para a realização da pesquisa de campo, foram aplicados questionários a três professores e a seis alunos desta escola municipal. Os professores responderam a dez perguntas sobre o tema leitura e os alunos a cinco perguntas sobre o mesmo tema. São questões abertas que permitiram a liberdade de expressão aos respondentes e a coleta de variadas informações sobre o tema.

As três professoras, que responderam o questionário, serão identificadas da seguinte forma: P1- 4º ano B; P2 - 4º ano C; P3 - 5º ano A. De cada uma dessas turmas foram escolhidos dois alunos, totalizando seis. Estes alunos serão identificados como aluno 1, 2... 6, seguindo a ordem crescente das turmas. A escolha das séries 4º e 5º ano se deu por serem estas as últimas séries do Ensino Fundamental I, em que se pressupõe que os alunos já tenham a habilidade da leitura adquirida e que supostamente façam uso desta em seu cotidiano. A escolha dos alunos foi aleatória, exceto os dois alunos do 5º ano A que ficou a critério da professora e as professoras são as três que dão aula a estas duas séries na escola.

As professoras responderam um questionário que visa obter informações sobre os conceitos que possuem sobre leitura e de que forma as atividades de leitura são aplicadas em sua sala de aula. Os discentes, por sua vez, responderam perguntas que visam obter informações sobre os conceitos que possuem sobre leitura e quais os estímulos que encontram na escola para aquisição e prática da leitura. Para responder os questionários, as professoras tiveram a oportunidade de levá-los para casa, já os alunos responderam no período de aula. Todos se mostraram interessados em contribuir com este trabalho monográfico, exceto uma professora que demonstrou

dificuldades, alegando falta de tempo e preocupações referentes às atividades que precisava entregar à escola, mesmo assim aceitou colaborar.

Por fim, coletados os dados, descreverei os resultados obtidos, buscando responder aos meus questionamentos que se constituíram a partir da minha experiência em sala de aula e me levaram a deduzir que muito se tem a fazer para que os alunos, mais precisamente do Ensino Fundamental I, aprendam a ler dando significados, isto é, atribuindo sentido ao que leem. Cabendo mais participação e integração entre todos os atores que compõem a escola na execução de seus projetos de leitura, sejam eles elaborados pelas Secretarias de Educação, ou daqueles elaborados pela própria escola.

As respostas dos questionários emitidas pelos alunos e pelos professores serão descritas e analisadas a partir dos estudos teóricos, atribuindo valor crítico àquilo que tem se constituído como ensino da leitura e o que os discentes recebem como estímulos para aprendizagem da leitura.

5- Analisando os questionários

Inicialmente, serão descritas as respostas dos professores seguidas de comentários e reflexões a partir dos autores estudados, posteriormente, as respostas dos discentes serão analisadas.

Questionário - Professores

Pergunta 1 - Em sua opinião, qual o papel que a leitura assume na escola?

Esta pergunta teve como objetivo saber dos professores qual a função que a leitura tem no ambiente escolar .

A P1 respondeu que é “Fundamental, conscientizador e transformador”. Silva (1998, p. 27) nos afirma que “Caso queiramos ser fiéis à nossa conceituação de leitura, tomada como um instrumento de conhecimento, questionamento e conscientização, temos de combater a sacralização dos textos e a visão bancária (reprodutista) [...]”, Assim, o professor deve assumir uma postura de mediador do conhecimento, levando o aluno a questionar os textos lidos, pois eles não são inquestionáveis.

A P2 destaca que não é apenas na decodificação que a leitura se completa, para ela a leitura é “Uma prioridade visando levar o aluno não somente à decodificação dos símbolos como compreensão”. Para Smith (1999, p. 80) “Ler buscando diretamente o significado, sem a preocupação de decodificar palavra por palavra, ou letra por letra, é melhor estratégia de leitura [...]”. É sabido que decodificar a língua escrita é apenas o primeiro passo para a aquisição da leitura.

A P3 dá ênfase à leitura como um veículo para os discentes alcançarem conhecimentos. “É a base para desenvolver habilidades e competências essenciais à aprendizagem dos alunos”.

Percebe-se, então, que todas atribuem à leitura um papel importante.

Pergunta 2 - Para você o que significa atividade de leitura?

A P1- “Oportunizar ao educando o desenvolvimento da escrita, vocabulário, todo contexto literário”. A respeito disso, Ezequiel T. Silva, em seu livro *Elementos de Pedagogia da leitura* (1998), nos faz refletir quando diz que:

Neste triste quadro do ensino de língua portuguesa, qual é o lugar ocupado pela leitura? Qual é a função que a leitura desempenha no contexto desse ensino? Basicamente, o de pretexto para exercícios de regras gramaticais e/ ou de estímulos para diferentes tipos de redação[...] (SILVA, 1998, p.74)

Comparando a resposta de P1 com o que diz Ezequiel T. da Silva, vê-se que a leitura não deve ser utilizada pelo professor como pretexto para o ensino da gramática, ortografia ou redação, o ensino da leitura deve ultrapassar esses limites.

A P2 acredita que atividade de leitura é “Garantir ao aluno acesso às diversas modalidades e gêneros através de estratégias que o ajudem a explorar o que está escrito”.

A P3 complementa praticamente a resposta de P2 ao dizer que atividades de leitura “São atividades que envolvem a leitura como meio de conhecimento, informações e prazer” .

Mostrar o valor da leitura ao educando não é uma tarefa difícil, pois esse processo, se produzido numa linha de experiências bem-sucedidas para o sujeito- leitor, significa uma possibilidade de repensar o real pela compreensão mais profunda dos aspectos que o compõem [...] (SILVA, 1998, p. 85)

Pergunta 3 - Como se dá a leitura em sua sala de aula?

Essa pergunta foi feita com objetivo de saber se na prática o conceito de atividades de leitura tem se efetivado, pois, como muitos sabem, o jargão dos professores é: “na prática a história é outra”.

A P1 responde que a leitura em sua sala se dá de maneira “Silenciosa e coletiva, trabalhando a escrita e a oralidade, sinalizando pontuação e parágrafo”. Demonstra mais uma vez a ênfase na leitura como um instrumento para se trabalhar a escrita, mas ressalta alguns pontos importantes e que precisam ser trabalhados na sala de aula; realizar leitura silenciosa e coletiva, trabalhando a oralidade.

Elie Bajard, em seu livro *Ler e Dizer* (1999, p.44) nos informa que na década de 70, após a divulgação da teoria ideovisual que tem como autores mais conhecidos

Smith e Foucambert, “a leitura silenciosa tornou-se o único modelo de leitura, e qualquer prática sonora era encarada com desconfiança”. Para Silva (1998, p. 99), “A leitura em voz alta, seja ela feita pelo professor ou pelo estudante, deve ser preparada (ensaiada) previamente [...] A consequência de não-preparação prévia poderá ser inibição e frustração da criança [...]” Assim, é importante que na sala de aula aconteçam atividades que atendam às duas modalidades de leitura, tanto silenciosa quanto em voz alta.

A P2 amplia o horizonte de leitura para seus alunos quando revela que a leitura em sua sala de aula acontece de diferentes formas: “No início da aula e em diversos momentos, na “hora da leitura” em que os alunos desenvolvem o prazer de ler; ler por ler, ler para se divertir, crescer, conhecer”. Para ampliar ainda mais este horizonte de leitura dos alunos, Silva (1998, p. 101-103) diz que o professor pode chamar a atenção das crianças à leitura através de “iscas”, a exemplo disso é, na entrada da sala, os alunos poderem encontrar uma Mensagem do Dia feita pelo professor, especialmente para eles; na hora da leitura podem ter um lugar específico na sala de aula como “ O Cantinho da Leitura”, decorado e que proporcione maior conforto para fazerem suas leituras.

A P3 responde que a leitura em sua sala se dá “ Diariamente, é um veículo para todas as disciplinas e um veículo de comunicação”. Percebe-se que a professora 3 considera que a leitura é um acesso a outros saberes. Para Silva (1998, p. 88); “Qualquer que seja a concepção do processo de leitura, o saber sempre ocupa um lugar preponderante e essencial”.

Pergunta 4 - Existem atividades específicas de leitura? Quais?

Todas as professoras deram respostas semelhantes, evidenciando que todas as atividades desenvolvidas na sala exigem leitura; leitura de textos, imagens, leitura coletiva, individual, compartilhada, ler para aprender a ler, observando pontuação, entonação, o objetivo do texto e informação que contém. Neste contexto fica de lado a leitura que Martins (1994, p. 71) coloca, como leitura emocional, “a leitura em que o leitor se deixa envolver pelos sentimentos que o texto lhe desperta” e supervaloriza a leitura racional, em que “O leitor visa mais o texto, tem em mira a indagação; quer mais compreendê-lo dialogar com ele”. É importante se reservar tempo para atividades específicas de leitura em sala de aula.

[...] uma pesquisa feita em escolas da cidade de Campinas (SP), na década de 1980, deu conta de que existiam escolas cuja programação não reservava tempo para a leitura, porque, nas palavras dos alunos, “os professores se preocupam com a gramática”; ou se lessem não ia dar tempo para aprender toda a matéria. (ANTUNES, 2009, p.185)

Pergunta 5 - Que tipos de textos são trabalhados?

Todas as professoras deram a mesma resposta para esta pergunta, “todos os tipos de textos” afirmam elas: histórias, contos, narrativas, informativos, científicos, poesias, cartas, músicas, receitas, notícias, propagandas, biografias, fábulas, histórias infantis, relatos, poemas, etc.

Jolibert e Sraiki no livro, *Caminhos para Aprender a Ler e Escrever* (2009, p.85), dizem que: “O questionamento do texto é procedimento significativo para a criança”. As autoras sinalizam alguns pontos importantes para o trabalho com textos em sala de aula, como “preparar o aluno para o encontro com o texto, esclarece a atividade intelectual solicitada e permite ou facilita o engajamento dos alunos nas atividades”.

[...] a leitura de diferentes tipos de textos exige do educando o domínio de habilidades, que resulta de prática e de aprendizagem no transcorrer de sua trajetória escolar. Para questionar, discutir e criticar um texto, por exemplo, os educandos precisam vivenciar situações de questionamento, discussão e crítica junto com os seus companheiros e com a participação do professor [...] (SILVA, 1998, p.87)

Pergunta 6 - Quais estímulos os alunos encontram para a leitura?

Duas professoras salientaram que incentivam seus alunos a visitarem a biblioteca da escola, além de outros incentivos.

P1- “Realizando leitura coletiva, recebem incentivo para irem à biblioteca da escola que dispõe de livros lidos para empréstimo” .

P2- “Ler durante as atividades, dentro e fora da classe, visitar a biblioteca levando livros para casa, através da hora da leitura e no Projeto História Contada (da escola)”. Terzi (1995) defende que não é a quantidade de livros que as crianças são expostas que irão garantir que estas serão boas leitoras, mas que a exposição à leitura de livros sustentadas por discussões sobre os textos com adultos é que pode contribuir no desenvolvimento delas como leitoras. Assim, é importante que as visitas dos alunos à biblioteca da escola, ou a outras bibliotecas, sejam orientadas por profissionais como o bibliotecário, ou o próprio professor. No caso de não existir uma biblioteca na escola, SILVA (1998, p.118) sugere solicitar de cada aluno um livro para o acervo de classe. Ampliando os estímulos que a P3 oferece a seus alunos, que é a “Procura de informações, assuntos que causam curiosidades ao grupo, mistério, humor, encantamento” pode ser solicitado aos próprios alunos as escolhas dos textos que irão ler. Conforme Terzi (1995, p. 38), a participação do aluno-leitor na escolha dos textos é bastante pertinente, pois “o discente é sujeito de sua aprendizagem e se participa da escolha dos textos que vai ler empregará mais valor ao ato da leitura”. As atividades lúdicas também são instrumentos importantes para a aprendizagem, através de brincadeiras que envolvam leitura a criança pode tornar-se mais participativa e estimulada, além de ser um instrumento desafiador.

Pergunta 7 - Em que nível de leitura seus alunos estão?

Já se esperava a resposta das professoras, pois como se sabe as turmas das escolas públicas são mistas e os níveis de alfabetização dos alunos são variados. A P1 não respondeu esta questão. P2 respondeu que seus alunos estão nos níveis silábico-alfabético, alfabético e ortográfico. Ela enfatiza que “todos leem”. A P3 diz que a maioria de seus alunos lê convencionalmente, alguns ainda têm dificuldades com a pontuação e entonação e poucos não leem convencionalmente. Smith (1999) e Silva (1998) salientam que é importante que os alunos formem um clube de leitura ou clube da alfabetização, em que as próprias crianças estabeleçam regras, promovam festas em torno da leitura, etc.

As crianças aprendem a ler lendo, mas não de uma vez só. Elas avançam gradativamente, enquanto outras pessoas as ajudam com as dificuldades durante os primeiros estágios [...] (SMITH, 1999, p.65)

Pergunta 8 - Que tipo de leitura agrada mais a sua turma?

Todas concordam que seus alunos gostam de leituras que contêm aventura, mistérios, fábulas e contos, gostam de histórias em quadrinhos e histórias infantis. Silva (1998, p. 37) levanta questionamentos bastante pertinentes que podemos relacionar e refletir a respeito das respostas das professoras;

[...] em relação à leitura, será que permitimos a seleção de livros de acordo com os autênticos interesses das crianças bem como a livre expressão sobre os livros que lêem ou que desejariam ler? Ou será que nos apegamos exageradamente aos manuais e/ou às seqüências, geralmente banais e mal formuladas, dos livros didáticos? Ou será que censuramos, de maneira autoritária e até demagógica, tudo aquilo que não está previsto no rígido programa do currículo escolar? [...] (SILVA, 1998, p.37)

Pergunta 9 - E você [professor] , como se vê como leitor (a)?

A P1 responde que “Gostaria de ler mais”. A P2 procura ler sempre, gosta de ler crônicas, romances, biografias e textos religiosos. Está lendo “A cabana” de William Yong. Têm costume de ler dois livros de uma vez, e a P3 gosta de ler, mas falta tempo, precisa de um lugar confortável e calmo para aproveitar bem a leitura. Lê artigos e revistas especializadas que ajudam na profissão.

[...] sim, professores e alunos precisam ler porque a leitura é um componente da educação, sendo um processo, aponta para a necessidade de buscas se efetivem na prática e gerem benefícios sociais, precisamos de condições concretas para produzir diferentes tipos de leitura[...]" (SILVA, 1998, p. 19)

Pergunta 10 – Comente sobre o avanço que os discentes da sua turma tiveram em leitura desde o início do ano letivo de 2010.

A P1 destaca que “A leitura coletiva, paragrafando e oportunizando a todos, está melhorando muito no desenvolvimento dos alunos. Em casa a maioria não tem incentivo”. Sabe-se que os discentes das classes populares não têm incentivos em suas comunidades para a prática da leitura e, muitas vezes, estes discentes têm na escola uma experiência frustrante com o mundo da escrita. “A falta de oportunidade que tiveram de exposição à escrita, de participação em eventos de letramento não é sequer parcialmente suprida pela escola, o que impede que a criança perceba o sentido da escrita [...]” (TERZI, 1995, p.33).

A P2 diz que seus alunos “Liam somente na hora da leitura agora trazem livros, revistas de casa e compartilham uns com os outros, os que têm dificuldades procuram os colegas para ler juntos, neste momento eles se unem”. Para complementar a resposta desta professora, podemos citar Smith (1999) que diz que,

Os professores devem, simplesmente, facilitar e promover a admissão de cada criança no clube de alfabetização (...). A sala de aula deve ser um lugar onde ocorrem as atividades de leitura (e escrita) significativas e úteis, onde é possível a participação sem coerção ou avaliação e onde sempre haja disponibilidade de colaboração [...] (p.127)

A P3 responde “Muitos melhoraram a leitura justamente por ler, mas isso só acontece na sala, em casa geralmente não encontram incentivos. Na sala e na escola tem livros que podem levar emprestado isso ajudou um pouco, mas não é suficiente”. A partir desta fala podemos fazer três afirmações: 1ª) as crianças aprendem a ler lendo e, portanto, só podem melhorar em leitura se forem expostas aos textos escritos. 2ª) as crianças de classes populares só encontram incentivos para leitura na escola e 3ª) o que se tem feito como atividade de leitura na sala de aula ainda não é suficiente para que os alunos das escolas públicas sejam considerados, de fato, “leitores”.

Questionário- Alunos

A seguir, a análise sobre as respostas dadas pelos alunos ao questionário.

Seis alunos foram escolhidos para responder a cinco questões sobre o tema leitura, sendo dois alunos de cada turma das professoras citadas acima. O objetivo destas questões é verificar o nível de leiturização que os alunos do 4º e 5º ano desta escola se encontram e, a partir destas respostas, fazer observações no sentido de contribuir para uma posterior prática docente para o ensino- aprendizagem da leitura.

Pergunta 1 - Você gosta de ler? Por quê?

Esta pergunta a princípio pode parecer uma pergunta simplista, mas se fez necessário. Os alunos deram respostas que nós como educadores podemos aos poucos ir desconstruindo, pois tratam-se de conceitos construídos socialmente. Para esta primeira questão todos alunos foram unânimes em afirmar que sim, gostam de ler, só que os porquês se diferenciaram; gostam de ler porque é importante, porque aprende algumas coisas da vida, porque se pode ensinar aos outros, enfim, cada aluno deu o seu valor à leitura, revelando que *Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele.* (SARTRE, 1964 apud MARTINS, 1994, p. 15). Para esta mesma pergunta, o A5¹ do 5º ano A responde: “ Porque eu quero ser alguém na vida, exemplo: quando eu for trabalhar eu vou preencher papéis”. Pelas palavras do aluno, percebe-se que o valor dado ao gosto pela leitura é essencialmente pela necessidade de trabalhar (sobreviver), valorizando a leitura como uma possibilidade de ascensão social a partir do trabalho. Conforme Soares (2008);

[...] de um ponto de vista sociológico em cada sociedade práticas de leitura e escrita diferenciam-se segundo os contextos sociais, exercendo papéis diversos na vida de grupos ou de indivíduos específicos [...] (p.55)

O aluno ressalta também que quer ser alguém na vida, atribuindo à leitura condição indispensável para ser cidadão. Ainda com Soares (2008) vemos que:

¹ De agora por diante os alunos serão referidos por; A1, A2, etc.

[...] o acesso à leitura e à escrita não é imprescindível ao exercício da cidadania, nem mesmo à conquista da cidadania [...] declaração inesperada e surpreendente porque a vinculação entre alfabetização e cidadania faz parte do senso comum: a concepção corrente é que só quem sabe ler e escrever é capaz de agir politicamente, de participar, de ser livre, responsável, consciente [...] (p.56)

Pergunta 2 - Que tipo de texto ou livro você mais gosta?

Esta questão referiu-se às diferentes formas de expressão textual como histórias infantis, fábulas, quadrinhos, poesias, etc. Os alunos foram mais específicos nas respostas e destacaram os títulos dos livros que gostam: Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, João e o Pé de Feijão, Três Porquinhos, Branca de Neve e os Sete Anões, Dez Dedo, Dez Segredos, Joelho Juvenil e Menino Levado. O A2 diz que o livro que ele mais gosta é o de Português porque tem histórias, e de texto que tenha lendas e mistérios. É importante que o professor trabalhe com diversos livros em sala de aula e não se limite ao livro didático. Silva (1998) nos alerta quanto a isto, quando diz que:

O caráter estritamente livresco de ensino e as formas autoritárias através das quais os livros são apresentados em sala de aula tendem a docilização dos estudantes, gerando a falsa crença de que tudo o que está escrito ou impresso é necessariamente verdadeiro[...] (p.3)

Kleiman (2000, p. 15) diz que a queixa mais freqüente que ouve dos professores em palestras que realiza sobre leitura é: “Os meus alunos não gostam de ler“. A partir desta pequena amostra pode-se notar que existem sim, alunos que gostam de ler.

O A5 afirma que procura saber primeiro o tipo de texto para não confundir. Talvez o aluno quisesse deixar claro que já possui conhecimentos sobre os diferentes tipos de textos: narrativos, informativos, descritivos, etc. Além de se trabalhar com um universo textual amplo e diversificado em sala de aula é necessário haver conversas sobre aspectos importantes do texto, assim os alunos poderão emitir opiniões e

começar a construir o senso crítico sobre os textos que lê. Jolibert e Sraiki (2009) salientam que procedimentos para questionamento de texto devem ser, entre outros:

Um procedimento no qual as crianças questionem o texto “para arrancar-lhe” seus segredos de fabricação”, [...] “um procedimento intelectual progressivamente automatizado para compreender o funcionamento dos textos[...] (JOLIBERT e SRAIKI , 2009, p.82)

Pergunta 3 - Quando você lê e não entende o que leu, o que você faz?

O A3 e o A4 responderam que perguntam à professora, e o A1 diz que pede para qualquer pessoa ler para ele. Segundo Smith (1999),

Não é preciso preocupar-se com as crianças que olham para as palavras escritas em papel de bala ou que têm alguém que lê o texto do livro escolar para elas, pois elas não vão se tornar preguiçosas e relutantes para lerem sozinhas. As crianças permitem que adultos ou outras crianças leiam para elas somente enquanto não forem capazes de ler sozinhas [...] “ (SMITH, 1999, p.121)

O A2, o A5 e o A6 demonstram ter um nível mais avançado em leitura em relação aos outros, pois quando não entendem o que leem, leem de novo até entender. O A5 diz: “Quando eu não entendo, eu penso, penso e penso, depois vou e leio de novo”. Sobre isto Martins (1994) nos diz que:

A releitura traz muitos benefícios, oferece subsídios consideráveis, principalmente a nível racional. Pode apontar novas direções de modo a esclarecer dúvidas, evidenciar aspectos antes despercebidos ou subestimados, apurar a consciência crítica acerca do texto, propiciar novos elementos de comparação. (p. 85)

Pergunta 4 - Você gosta dos textos que lê na escola? Por quê?

A resposta a esta pergunta foi positiva, todos gostam dos textos que leem na escola, porque “são interessantes, divertidos, bom para aprender e engraçados”. O A1 faz referência a um texto que achou interessante que tem como tema Água. Infere-se que este texto, com certeza, foi significativo para o aluno. O A5 confunde o gostar de textos que lê na escola com gostar de ler textos “na” escola. Ele diz que “gosta de ler na escola porque é mais tranquilo e a escola é o lugar de aprender, por isso é seu lugar favorito para ler textos”. Percebe-se que este aluno não tem momentos agradáveis de leitura fora da escola, ele enfatiza que a escola é um lugar para se aprender. Silva (1998, p. 47) diz que “a leitura é uma prática social, enquanto tal deve ser vivenciada socialmente”. Seja no contexto familiar ou escolar o discente necessita ter experiências com leitura.

Pergunta 5 - Você considera a leitura importante? Por quê?

Todos disseram que sim. A1- “Muito. Porque tem muita gente sem saber ler”. O A2 - “Sim. Porque é lendo que se aprende”; o A3- “Sim. Porque aprende mais as coisas e é bom”. O A4 - “Sim. Porque é muito importante e aprende muito”. Estes alunos atribuem valor à leitura pelo fato de através dela adquirirem conhecimento. O A1 salienta que existem muitas pessoas analfabetas. Segundo pesquisa realizada pelo Ministério da Educação (MEC/ 2009), o Brasil tem cerca de 16 milhões de analfabetos. O A5 diz que “A leitura é muito importante na vida de todos, sem ela ninguém seria o que é hoje”. Em suas palavras, talvez o aluno queira considerar a leitura como um bem social. Para Soares (2008)

Do ponto de vista social, o alfabetismo não é apenas, nem essencialmente, um estado ou condição pessoal; é sobretudo, uma prática social; o alfabetismo é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita, em determinado contexto, e é a relação estabelecida entre essas habilidades e conhecimentos e as necessidades, os valores e as práticas sociais[...] (p. 33)

O A6 considera a leitura importante porque: “se for pegar um ônibus sem saber ler precisa perguntar a alguém e isso é “errado”. Aprender a ler é obrigação”. O aluno coloca que o fato de uma pessoa não saber ler é errado, sendo mesmo vergonhoso, e atribui ao indivíduo que não sabe ler toda responsabilidade do seu analfabetismo, considerando que é uma obrigação aprender a ler. Silva (1998) nos lembra que:

[...] a estruturação de uma pedagogia da leitura depende, antes de mais nada, de uma explicitação dos objetivos ou finalidades que se pretende atingir com o processo de educação do leitor [...] (p.80)

Será que são estes os conceitos que queremos que nossos alunos tenham sobre leitura, como ser útil para “Pegar um ônibus” ?

Sou levado a crer, à luz das lamentáveis servidões (sociais, políticas, econômicas, culturais, etc...) reproduzidas historicamente no contexto brasileiro, que não existe meio termo para o trabalho pedagógico: ou se educa para a emancipação (conscientização, politização) ou se educa para a submissão (enquadramento, adaptação) (SOARES, 1998, p.82)

Assim, cabe a nós educadores decidirmos se continuaremos educando nossos alunos para se submeterem à ordem estabelecida e estruturas sociais vigentes, ou se educaremos para tornar nossos alunos conscientes das funções e conceitos de leitura, como mecanismo para mudança da sociedade atual, “emancipação das classes populares”. Revelando, portanto, para estes os verdadeiros significados da leitura.

A partir das respostas das professoras e dos alunos conclui-se que a leitura é importante para todos os membros que compõem a sala de aula. Os docentes consideram a leitura fundamental para o acesso ao conhecimento, tanto para seus alunos como para si. Os discentes acreditam que a leitura é importante porque através dela se aprende, afirmam que gostam de ler,

principalmente textos engraçados, de mistério e histórias infantis. As professoras reconhecem que seus alunos não são estimulados à leitura em seus lares e que o que a escola tem feito como estímulo não é suficiente, demonstraram também, através das respostas dadas, que com suas práticas de ensino em sala de aula procuram incentivar seus alunos a lerem.

Concluiu-se que, para que estes alunos possam ampliar seus conceitos em leitura é necessário empregar tempo exclusivo para atividades de leitura, proporcionando-lhes mais momentos prazerosos com o mundo das letras, sejam através de idas à bibliotecas, dentro da sala de aula, ou na participação de projetos organizados pela própria escola. Se de um lado os professores demonstram estar conscientes quanto à necessidade de prática da leitura, como “fundamental, conscientizador e transformador”, “uma prioridade visando levar o aluno não somente à decodificação dos símbolos como compreensão” e como “a base para desenvolver habilidades e competências essenciais à aprendizagem dos alunos”; por outro lado, as respostas dos alunos também surpreendem se considerarmos os seus posicionamentos sobre a leitura e como leitores, “É lendo que se aprende”, “ler é muito importante”, “aprende mais as coisas e é bom”. Esse resultado é bastante positivo e nos mostra que é importante desenvolver projetos de leitura na escola, a exemplo desta: História Contada, que permite aos alunos entrarem em contato com a literatura infantil.

Considerações Finais

Os discentes necessitam de mais estímulos para aquisição e a significação da leitura. É necessário proporcionar ao educando, mais precisamente aos das classes populares, práticas reais de leitura com matérias significativas e contextualizados.

Para o ensino da leitura vários métodos estão disponíveis ao professor, porém cabe a ele tomar a decisão correta e escolher o método que irá adotar para o ensino desta habilidade, levando em consideração os conceitos de leitura e os objetivos que pretende alcançar, através do uso dessa prática dentro da sala de aula, sabendo que nenhum método poderá atingir a todos de igual modo. É necessário considerar o contexto no qual os alunos estão inseridos, informar para que serve a leitura e permitir que construam seus próprios conhecimentos é essencial.

Este trabalho pôde comprovar que existem alunos, sobretudo das classes populares, que gostam de ler, mas que infelizmente seu acesso às práticas de leitura ainda são restritas ao ambiente escolar, e mais, que até mesmo na escola o acesso ao mundo das letras é, um tanto quanto, superficial, pois, muitas vezes, não possibilita que os discentes emitam valor crítico ao que leem, através de diálogos com os colegas e com o professor, que cumpre papel de mediador da aquisição do conhecimento.

Vimos que as professoras entrevistadas sabem de quais leituras seus alunos gostam, e os alunos comprovam através de suas respostas ao questionário que gostam sim, de textos literários, de mistério, de lendas, de piadas, textos engraçados, etc. Portanto, a escola deve oferecer uma educação com mais literatura e que através dela os alunos sejam “completos” conhecedores das letras e do mundo que os cerca, que como cidadãos cumpram seus deveres e exijam seus direitos diante da sociedade, sendo “cidadãos de bem”, conscientes de seus papéis perante a sociedade.

A amostra constituída, embora pequena, foi significativa para se verificar que, quando há empenho dos professores da escola em busca de melhor qualidade no ensino, sobretudo, no ensino da leitura, os resultados acontecem.

ANEXO 1

Série: _____

Questionário

Este questionário destina-se a docentes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I da Rede Municipal de Ensino de Salvador e tem por objetivo coletar informações sobre leitura, tema da minha monografia de conclusão do curso de Pedagogia/ UFBA. Desde já agradeço sua colaboração.

Thais Assis

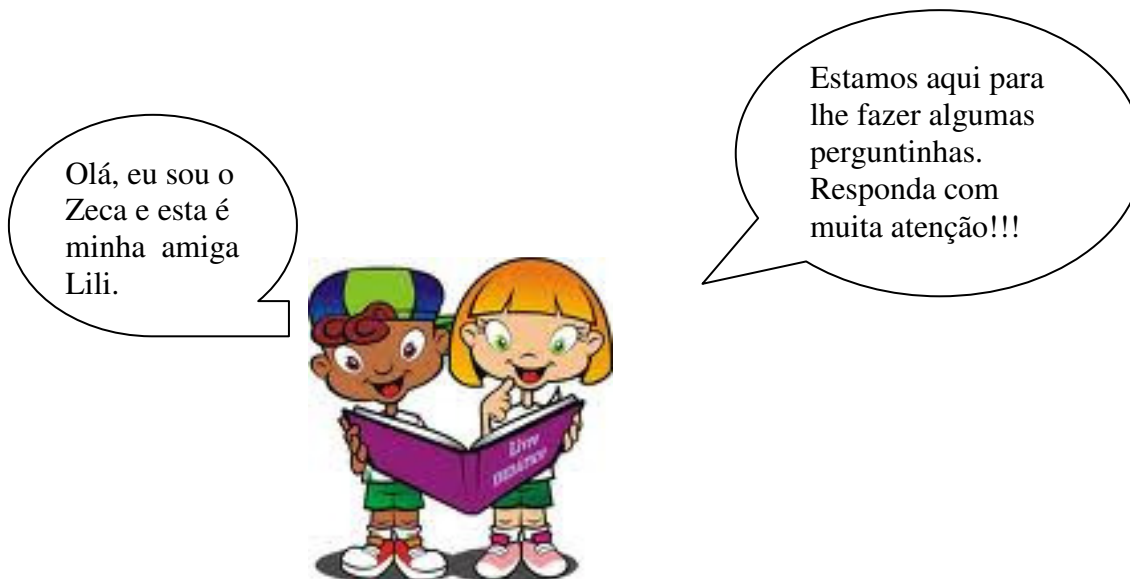
Importante!

- O nome do respondente não será identificado
- Clareza e veracidade nas respostas são essenciais

- 1) Em sua opinião, qual o papel que a leitura assume na escola?
- 2) Para você o que significa atividade de leitura?
- 3) Como se dá a leitura em sua sala de aula?
- 4) Existem atividades específicas de leitura? Quais?
- 5) Que tipos de textos são trabalhados?
- 6) Quais estímulos os alunos encontram para a leitura?
- 7) Em que nível de leitura seus alunos estão?
- 8) Que tipo de leitura agrada mais a sua turma?
- 9) E você, como se vê como leitor (a)?
- 10) Comente sobre o avanço que os discentes da sua turma tiveram em leitura desde o início do ano letivo de 2010.

"Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa, por isso aprendemos sempre". Paulo Freire

ANEXO 2



1) Você gosta de ler ? Por quê?

2) Que tipo de texto ou livro você mais gosta?

3) Quando você lê e não entende o que leu, o que você faz ?

4) Você gosta dos textos que você lê na escola? Por quê?

5) Você considera a leitura importante? Por quê?

Referências

ANTUNES, Irandé. A leitura: de olho nas suas funções. *In: Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAJARD, Elie. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

FOUCAMBERT, Jean. Trad. Bruno Carlos Magne. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 13.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1986.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1979.

JOLIBERT, Josette e SRÍKI, Christine. O questionamento de textos pelas crianças: aprender a compreender textos. *In: Caminhos para aprender a ler e escrever*. São Paulo: Contexto, 2008.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 7.ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias.**6.ed. São Paulo: Ática, 1999.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.**19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NOVASKI, A. Sala de aula: uma aprendizagem do humano. *In:* MORAIS, R. **Sala de aula: que espaço é esse?** 21.ed. Campinas: Papirus, 2008.

O LEITOR (filme). Stephen Daldr, 2008. 123min.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília. 1997.

SANA, Cristiane Cador. **Por que meu filho não aprende?**Blumenau, SC: Eko, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Site: <http://portal.mec.gov.br>

SMITH, Frank. Trad. Beatriz Affonso Neves. **Leitura Significativa.** 3.ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 5.ed.São Paulo: Contexto, 2008.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

TERZI, Sylvia Bueno. **A Construção da Leitura; uma experiência com crianças de meios iletrados.** Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1995.

WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. História da leitura. Disponível em:
<<http://www.wikipedia.org/wiki>. Acesso em: 02 jun. 2010.